



REVISTA **Protocolo y Comunicación**

Vol 1, No 4 (2024)



Coordinadora del número: Dra. Maria Aparecida Ferrari
Publicado: 2024-08-30

**Cerimonial, Protocolo & Política: análise de casos das
Posses Presidenciais Brasileiras de 2019 e 2023**

DOI: <https://doi.org/10.58703/rpyc.v1n4a4>

Andréa Nakane

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-3687-442X>



Resumo

O cerimonial e protocolo, ainda, estão muito orientados em sua esfera governamental e apesar de seus legítimos regimentos legais e convencionais, acabam, por adaptar-se as narrativas de quem ocupa mandatos, com o intuito de transmitir mensagens atreladas a suas convicções comportamentais e ideológicas. O artigo trata de analisar duas cerimônias de posses presidenciais brasileiras, em 2019 e em 2023, possibilitando a identificações de especificidades atribuídas aos roteiros tradicionais, que propagaram o reconhecimento dos perfis que estavam assumindo o poder, e já gerando uma construção imagética de suas regências.

Palavras chaves: Cerimonial, Protocolo, Eventos, Narrativas, Posse Presidencial

Abstract

The ceremonial and protocol are still very oriented in their governmental sphere and despite their legitimate legal and conventional regulations, they end up adapting the narratives of those who occupy mandates, with the aim of transmitting messages linked to their behavioral and ideological convictions. . In order to analyze – in a comparative way – such statements, the study presented in this work evaluated the Brazilian presidential inauguration, ceremonies, in 2019 and 2023, enabling the identification of specificities attributed to traditional scripts, which propagated the recognition of the profiles that were assuming the role. power, and already generating an imaginary construction of its regency.

Keywords: Ceremonial, Protocol, Events, Narratives, Presidential Inauguration

Resumen

El ceremonial y el protocolo siguen muy orientados en su ámbito gubernamental y pese a sus legítimas regulaciones legales y convencionales, terminan adaptando las narrativas de quienes ocupan los mandatos, con el objetivo de transmitir mensajes vinculados a sus convicciones comportamentales e ideológicas. Para analizar – de manera comparativa – tales declaraciones, el estudio presentado en este trabajo evaluó de toma de posesión presidencial brasileña, en 2019 y 2023, permitiendo identificar especificidades atribuidas a las escrituras tradicionales, que propagaron el reconocimiento de los perfiles que fueron asumiendo el poder, y generando ya una construcción imaginaria de su regencia.

Palabras clave: Ceremonial, Protocolo, Eventos, Narrativas, Inauguración Presidencial

Introdução

A abordagem do Cerimonial e Protocolo ainda está muito vinculada a sua aplicabilidade no cenário governamental na esfera pública.

Porém, é importante ressaltar que sua dinâmica não pode se restringir a essas ambiências, já que sua funcionalidade é muito mais ampla e pode atingir

também, os eventos de caráter privado, nas mais diferentes áreas de interesse e tipologias.

Atualmente, os eventos são considerados um dos mais relevantes veículos de comunicação dirigida, propiciando socialização, impulsionando redes de relacionamento, aprendizado, ou até mesmo celebração de alguma data ou realização. Na dimensão afirmativa de tais cenários, utilizou-se os trabalhos e afirmações de Meirelles (1999), Silva (2009), Speers (1984), Nakane e Esteves (2023), Canton (2002), Cesca (1997) e Zanella (2012).

Este artigo está estruturado para avaliar como o uso de um evento solene, que ocorre no Brasil a cada quatro anos e segue um roteiro pré-estipulado, consegue se adequar aos estilos dos governantes.

Como metodologia utilizada optou-se pelos estudos de casos comparativos, visando facilitar a compreensão de suas diferenças ritualísticas mesmo tendo como origem uma orientação padrão, já instituída desde o processo da democratização moderna do país, a partir de 1989.

Dessa forma é possível distinguir essas perspectivas e comprovar seu uso político, como mais um elemento que evoca uma comunicação dirigida focada na formação de imagens identitárias junto a sociedade.

Panorama Contextual do Cerimonial e Protocolo

A condução do cerimonial em diversas áreas de interesse que promovem eventos tem sido uma parte essencial da vida humana desde os primórdios da civilização, já que essa é uma atividade tão antiga quanto a própria gênese humana, elucida Nakane e Esteves (2023)

Embora as práticas, normas e abordagens tenham evoluído ao longo do tempo, a necessidade de sua aplicabilidade é algo incontestável para sua melhor performance e concretização de resultados exitosos.

Um dos mais inquietantes e desafiadores problemas da atualidade que assolam a sociedade – que não pode ser considerado novo, mas que está em crescente estado de atenção – diz respeito a convivência entre as pessoas. Conforme Cesca (1997) os eventos trazem a característica de reunir pessoas, seja para um momento de descontração, integração ou negócios

E para fomentar uma ordenação e total harmonia entre as pessoas quando participam de solenidades e acontecimentos especiais formais existe o cerimonial.

Desde os primeiros eventos historicamente registrados na história, mesmo de forma orgânica, sem foco ainda profissional, o cerimonial tornou-se uma prática reconhecida como dinâmica para o bom desenvolvimento de um projeto.

Luz (2005, p. 3) afirma que:

Como consequência das facilidades modernas, cada vez mais pessoas tem interesse em reunir-se par trocar conhecimentos, estreitar relações,

realizar acordos e negociações, em convenções, congressos, conferências, simpósios e outros tipos de eventos, seja em nível regional, nacional ou internacional. Surge, daí, a necessidade de desenvolver e intensificar as normas do Cerimonial e Protocolo inerentes a esse tipo de reunião, em que o grande número de pessoas e sua diversificação requerem uma perfeita organização, para que tudo se realize dentro de um princípio em que haja ordem, harmonia e estética.

O número de eventos no Brasil cresce a cada ano, conforme pode ser constatado pela II Pesquisa de Dimensionamento realizada pela Associação Brasileira de Empresas Organizadoras de Eventos (ABEOC) e o Serviço Brasileiro de Apoio as Pequenas Empresas (SEBRAE). Somente no ano anterior a divulgação desse estudo, que foi em 2014, o Brasil, sediou cerca de 590 mil eventos, totalizando o agrupamento de 202,2 milhões de pessoas. Segundo (Silva, 2009, p.97):

Os eventos tornam-se elementos de transformação social, de aculturação, de educação, conscientização e mobilização de massas, além de serem os maiores e melhores geradores de conteúdo para a mídia. Os eventos: criam, recriam, inovam e reinventam. Não são mais simples fatos, mas acontecimentos e agentes transformadores de toda a sociedade.

Fato que demonstra a relevância de buscar meios que possam apaziguar desigualdades ou conflitos de ordem social, cultural, política e econômica.

E entre os instrumentos para tal finalidade está tanto o Cerimonial quanto o Protocolo.

Porém, para uma parcela significativa do mercado, essa dupla, ainda recebe tratativas de ser supérflua, que pode ser negligenciada ou até entregue a pessoas sem conhecimentos e vivências em seus campos de saberes.

Nakane e Esteves (2023, p.14) afirmam que “para fomentar uma ordenação e total similitude entre as pessoas quando participam de solenidades e eventos formais existe o Cerimonial.”

Há ainda muitos desconhecimentos e até mesmo incredulidades com relação ao exercício do Cerimonial e Protocolo em eventos. Possivelmente em função desse cenário ainda pouco cristalino, há registros de inúmeras situações que desprezaram sua aplicação e acabaram por não otimizar resultados frutíferos em suas realizações, com exemplificações até mesmo danosas e que abalaram reputações e imagens institucionais, tanto no primeiro, segundo e terceiro setores da sociedade.

Meirelles (1999) explica que no Brasil, o Cerimonial é regido por uma divisão distinta Cerimonial Público e Cerimonial Privado. Porém é crucial compreender que em muitas situações essas duas configurações se convergem e atuam alinhadas para o pleno sucesso de um projeto de evento.

E é justamente, a dupla cerimonial e protocolo que surge para apaziguar possíveis turbulências, desigualdades imperativas ou abusos arbitrários, oferecendo fluidez, forma e condução imparcial, com sensibilidade, dedicação, honradez e lisura.

Porém, é preciso, antes de tudo, estabelecer que a associação entre o Cerimonial e Protocolo não seja entendida como retóricas idênticas, já que muitos usam os vocábulos com significâncias sinônimas.

São ações interdependentes que se complementam e ganham apoio da etiqueta social. Zanella (2012, p. 309) afirma que:

As expressões cerimonial, protocolo e etiqueta social são habitualmente utilizadas em conjunto, como sinônimos. De forma ampla, o cerimonial estabelece os atos de uma cerimônia ou evento. É um roteiro de procedimentos a serem cumpridos obedecendo principalmente à procedência como orientação de atos. Protocolo é um conjunto de normas e padrões de comportamento social. Etiqueta são as normas e padrões de comportamento social que indicam a forma de uma pessoa se conduzir ou se comportar em sociedade. A etiqueta interfere no vestuário, alimentação, convite, comunicações sociais, linguagem e postura pessoal. A precedência é um fator que significa a ordem de preferência ou prioridade em uma ação. As regras de precedência em atos oficiais no Brasil são estabelecidas por dispositivos ou normas oficiais.

Conforme Meirelles (1999) pode-se entender o cerimonial como um conjunto de formalidades que se deve aplicar num ato solene, com a finalidade de dar-lhe ordem e dignidade, evitando constrangimentos entre os convidados que dele participam. A autora, em questão, ainda afirma que toda solenidade, oficial ou não, segue um planejamento elaborado por um conjunto sequencial de formalidades.

Speers (1984) salienta que o cerimonial nada mais é que uma linguagem que define o espaço de cada um no evento.

Franco (2012, p.30) corrobora com tais asserções ao afirmar que “a definição lógica de um roteiro tem como propósito orientar e disciplinar autoridades, personalidades e demais participantes, a fim de resultar na excelência e no sucesso da realização da cerimônia.”

Nakane e Vieira (2016, p.20) complementam que “o cerimonial é uma linguagem de comunicação específica, dirigida a grupos distintos, passível de transformação e atualização em respeito à cultura e às tradições dos povos.”

Normalmente se associam aos eventos públicos aqueles que tem seus promotores o governo e suas ramificações, deixando a lógica do privado, para as organizações que integrem o mercado da iniciativa empresarial.

Como o protocolo está inserido no cerimonial, como meio normativo e padronizado de forma legítima, muitos acabam por associá-lo ao Estado. Mas sua ligação vai muito além desse pressuposto.

O elo do cerimonial com a política remota aos primórdios da organização em sociedade e segue com força até hoje, sem avistar rupturas. Pode-se também relacionar a questão do cerimonial com a comunicação, tendo em vista que seu uso está sob regência de uma ferramenta de seu portfólio, os eventos.

Usar com habilidades as técnicas de comunicação é um exercício que pode resultar em influência e, conseqüentemente, demonstração de poder. Importante é compreender o caráter do que seja política, além de sua associação, muitas vezes direcionada só ao âmbito do primeiro setor, configurada pelo Estado.

A política é o vocábulo que se utiliza para a capacidade do ser humano de criar diretrizes com o objetivo de organizar seu modo de vida. E notadamente tem ligação com tudo que está vinculado ao Estado, ao governo e à administração pública com o objetivo final de administrar o patrimônio público e promover o bem público, isto é, o bem do coletivo.

A palavra política tem origem no vocábulo grego *politéia*. Esta palavra era utilizada para se expor todos os assuntos associados a *polis* (Cidade-estado) e à vida em comunidade.

Para Scmitter (1965) política é a resolução de conflitos ou um conjunto de procedimentos formais e informais que expressam relações de poder e que se destinam à resolução pacífica dos conflitos quanto a bens públicos.

Portanto, a percepção é muito mais ampla, já que ela tem interfaces com aquilo que diz respeito ao bem público, à vida em comum, as regras, leis e normas de conduta nesse espaço coletivo, e, sobretudo, ao ato de decisão que tem poder de modificar todas essas questões.

Nos sistemas políticos modernos, é possível perceber que a comunicação política passa, sobretudo, através de canais especializados: os meios de comunicação de massa, sendo um evento um exemplo de tal instrumento.

A qualidade dos *mass media*, o tipo de mensagens transmitidas e a frequência das próprias mensagens são decisivos para a formação das atitudes da opinião pública e, conseqüentemente, para o tipo de pressões que ela exerce sobre os centros decisórios do sistema político, conforme Bobbio; Matteuci; Pasquino (1998)

É possível compreender que uma figura pública, com cargos vinculados ao executivo, legislativo ou judiciário deverá ter aquiescência as orientações protocolares reguladas por lei, que regem o cerimonial, para melhores resultados de sua participação em um evento.

Cada acontecimento especial torna-se uma espécie de espelho identitário de quem o promove e/ou demanda adaptação aos ritos que serão transmitidos pelo roteiro formatado.

No panorama da sociedade do espetáculo, sob a perspectiva de Guy Debord (1997) no qual o espetáculo consiste na multiplicação de ícones e imagens, não só através dos meios de comunicação de massa, mas também dos rituais políticos, religiosos e até hábitos de consumo, de tudo aquilo que não está tão presente na realidade das pessoas comuns, tudo transmite uma sensação diferenciada, um mix de sentimentos.

Na cultura do espetáculo, exalta-se a imagem em relação à coisa, a cópia ao original, a representação à realidade, a aparência ao ser, conforme pensamento de Debord (1997). Importante ressaltar que o autor citado foi um filósofo, cineasta, teórico marxista e ativista político francês, fundador da Internacional Situacionista – grupo de intelectuais críticos da sociedade da época e autor do livro *A Sociedade do Espetáculo*.

Na análise dos ritos presentes no cerimonial, em todas as suas vertentes, é percebido efeitos de uma cultura planetária identitária e visual que regula as relações de todo o elenco de um evento.

E associando, um evento a um veículo de comunicação, ou seja, um meio que a mensagem será transmitida, pode-se confirmar o aforismo que McLuhan (educador, intelectual, filósofo e teórico da comunicação canadense, conhecido por vislumbrar a Internet quase trinta anos antes de ser inventada e por ter formatado o termo aldeia global) que cunhou em 1967, a máxima que o “meio é a mensagem” visando explicar, em um primeiro momento, a influência da televisão, entre outros meios eletrônicos, no modo de pensar da sociedade ocidental contemporânea.

Na atualidade é intrínseco que nesse rol de meios, eventos estão configurados como um dos principais meios de comunicação, inclusive servindo como fonte de conteúdo para outros veículos, potencializando exponencialmente sua força. Canton (2002) reforça tal pensamento, ao dizer que um evento tem um grande poder de comunicação.

O cerimonial representa uma linguagem, que comum, possibilita interações e informações compartilhadas. Usa-se códigos universais, locais e próprios para que um evento transcorra de forma harmoniosa, possibilitando que todos reconheçam seus papéis no roteiro planejado e assim, como um arquétipo de uma bem construída engrenagem, possam contribuir com seu pleno funcionamento e galgarem resultados que serão percebidos em sua totalidade. Andrade (2002, p.23) atesta que:

Os fundamentos do cerimonial estão centrados na noção de poder, privilégios e regalias devidos a autoridades, governos e instituições. Em qualquer sistema político do mundo, certos cargos e funções conferem prerrogativas oficiais a seus titulares. Assim, a tradição e os costumes dos povos tem sido a tônica das cerimônias, ratificados, atualmente, por leis e decretos.

Com suas referências e estratégias, o cerimonial de um evento gera pautas, matérias e memoriais que irão reverberar muito além de seu momento, chegando até grupos de interesses, não presentes em sua ambiência, sem fronteiras territoriais, já que a rede formada pela alta tecnologia e suas ramificações, permite tais repercussões, seja em tempo real, ou posteriormente, de forma atemporal.

Frente à infodemia vivenciada, é preciso destacar-se para que a atenção dos indivíduos não seja dispersa. E mais uma vez, um zeloso e bem arquitetado cerimonial, poderá fazer toda a diferença, colaborando para que tenha maior

projeção e, dessa forma, consiga capilarizar mais prestígio e reconhecimento dos envolvidos.

O cerimonial evita constrangimentos nas solenidades públicas, contribui para a preservação da imagem dos governantes e do Estado e coordena a sequência dos atos para que o roteiro elaborado transcorra. Amorim (2023, p.132) afirma que:

O Cerimonial se trata sim de ordenar o sequenciamento de atividades que resultam em um evento. Esta é a essência operacional do que deve ser feito, do trabalho que desempenhamos, ou seja, a constante aplicação do conjunto de normas e regras que devem ser utilizadas nos atos solenes, a fim de compor corretamente o “fazer” Cerimonial.

As normas pelas quais o cerimonial se orienta, permite ao cidadão integrar-se no sistema rítmico do comportamento da sociedade, controlando o acaso e influenciando positivamente o processo da organização social, respeitando tradições e culturas, aponta Ubillús (2009)

É importante salientar que o cerimonial é regido por um agrupamento de normas e orientações que não podem ser inventadas ou até mesmo alteradas, a não ser o caso de ser algo regulamentado, alterado e proliferado de forma oficial por órgãos regulatórios públicos em função de comportamentos que já estejam superados pelo tempo ou por readequações administrativas ou cunho diplomático. Segundo Ubillús, 2009, p.31:

Nós, cerimonialistas, não inventamos regulamentos e decretos, tampouco criamos as leis. Apenas temos o dever de conhecê-los, já que são a base de nossa atividade, para que saibamos aplicá-los, propiciando a existência regulamentar do respeito entre as pessoas para com os símbolos nacionais, bem como entre os veículos quando em situação protocolar etc.

Esse compêndio regulatório foi dado o nome de protocolo, sendo então, o conjunto de regras e normas jurídicas, condutas de comportamentos, costumes e ritos de uma sociedade em um dado momento histórico.

Luz (2005, p.56) salienta que “o protocolo dá a cada pessoa as prerrogativas a que tem direito, e são as formas do cerimonial que dão solenidade, beleza, dignidade e perfeição a uma celebração.”

Todo o processo de Protocolo e Cerimonial segue uma lógica, a maior parte das regras e ritos têm um porque, nada é estabelecido aleatoriamente.

No Brasil, o termo cerimonial foi consagrado pelo Decreto 70.274, de 9 de março de 1972, na presidência do General Emílio Garrastazu Médici, que aprovou as Normas do Cerimonial Público da República do Brasil e Ordem Geral da Precedência, alterado pelo Decreto nº 83.186, de 19 de fevereiro de 1979.

Atualmente, os cerimonialistas se empenham na revisão geral desse decreto, acompanhando a condução política, cultural e social do país, já que inúmeras transformações ocorreram desde então, sendo necessário, alterações.

Tal movimento permite analisar que o cerimonial é uma atividade dinâmica, todavia tem toda uma fundamentação e embasamento em valores e tradições. Sendo, portanto, um processo que requer contínuas adaptações em prol da harmonia das relações em todas as esferas de caráter público, colaborando para uma efetiva otimização de todos os recursos e esforços empregados na realização de um acontecimento especial.

Com o intuito de validar tais pensamentos, foram realizados dois estudos de casos referentes as solenidades de posse na presidência da República Federativa do Brasil, em duas datas recentes, 2019 e 2023, com os respectivos presidentes Jair Messias Bolsonaro e Luiz Inácio Lula da Silva, o que possibilita uma visão bem contemporânea sobre cerimonial, protocolo e política.

Os objetos de estudos desse artigo, com relação ao tema Cerimonial e Protocolo, foram as cerimônias de posse presidencial no Brasil, especificamente realizadas no dia primeiro de janeiro de 2019 e 2023 para oficializar o início da gestão do 38º e 39º presidentes da nação: Jair Messias Bolsonaro, vencedor pelas eleições diretas em 2018, com 57.796.986 votos, o que equivaleu a 55,13% dos votos válidos no segundo turno do processo eleitoral, ocorrido em 28 de outubro de 2018, conforme Máximo (2018) e Luiz Inácio Lula da Silva, vencedor do pleito eleitoral em 2022, em segundo turno, em 30 de outubro, com 59.563.912 votos, com 50,83% dos votos válidos.

A cerimônia de posse do chefe da nação brasileira, segue obrigatoriamente um roteiro detalhado, estabelecido pelo decreto lei nº 70.274 em março de 1972, que estabelece o compromisso constitucional.

A primeira posse presidencial foi datada em 1891 e desde então, já sofreu diversas alterações acompanhando os períodos vivenciados pelo país, inclusive com a ausência da democracia.

A percepção dada atualmente à cerimônia é de materialização da escolha soberana do povo nas urnas e o efetivo início da gestão conduzida ao poder.

Quem comanda a solenidade é o chefe do cerimonial da Presidência da República e uma vasta equipe unindo os poderes legislativo e do Ministério das Relações Exteriores, já que é comum o convite a todas as nações com quem o Brasil mantém sinergia diplomática.

A equipe desse cerimonial é integrada por diplomatas, que poderiam perfeitamente estar à frente de alguma embaixada do Brasil ao redor do mundo.

E além das prerrogativas já apresentadas, tem como objetivos, também, desenvolver uma celebração de posse muito sagazmente elaborada, oferecendo possibilidades de transmitir as imagens dos mandatários em sua gestão frente a sua governança.

Além dos detalhes de cada etapa do evento como criação, planejamento, organização, montagem, operação, condução, logística etc., o cerimonial

precisam estabelecer contatos com autoridades nacionais e internacionais ao redor do mundo para articular uma possível participação presencial.

A data da solenidade de posse já ocorreu em 15 de novembro, 15 de março e 31 de janeiro. E, desde 1995, a posse passou a acontecer sempre no dia 1º de janeiro, fato que dificultou o convencimento dos chefes de Estado a passar o primeiro dia do ano em Brasília.

Essa data - considerada ingrata por muitos diplomatas - foi instituída pela Constituição de 1988 e já há inúmeras iniciativas para alterá-la, justamente por buscar uma maior participação de delegações tanto estrangeiras quanto da maior presença interna, já que a data também se rivaliza com as solenidades de posse estaduais, o que acarreta diversos momentos a ausência desses governantes, em função da logística muito complicada de ser planejada.

Até por que o Brasil é um país com dimensões continentais com uma malha aérea muito limitada em algumas regiões, circunstâncias somadas aos recursos escassos nos cofres públicos nacionais resultaram no declínio de muitas autoridades na posse de 2019, como o governador de Minas Gerais, o segundo maior colégio eleitoral do território nacional, além de concorrer com as posses nos estados da federação.

Posse Jair Messias Bolsonaro – 01/01/2019

Em 2019, 46 delegações estrangeiras estiveram presentes à cerimônia de posse do presidente da república na capital federal, Brasília. Consta-se que a presença em termos quantitativos de Chefes de Estados representa uma simbologia de prestígio e apoio internacional, sinalizando o acolhimento pleno do demais governos.

Uma ocorrência sem precedências na história recente das posses presidenciais brasileiras, transcorreu justamente nesse período e acarretou grande polêmica diplomática: dois países receberam convites para a posse do presidente eleito e posteriormente tiveram os convites cancelados. Trata-se da Venezuela e de Cuba, nações que vivem em conflitos políticos, considerados rincões de governos autoritários. Tal fato considerado até mesmo como uma gafe, foi interpretado como uma característica ideológica do grupo empossado, que possuía pensamentos divergentes da classe governamental dos dois países citados.

A posse do 38º presidente brasileiro contou o maior esquema de segurança de toda a sua história republicana. O fato em si tem explicações concretas, em função do presidente eleito ter sido alvo de um atentado durante a campanha eleitoral, no dia 6 de setembro de 2018, na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais.

Para a posse do dia primeiro de janeiro de 2019 foram contabilizados mais de 12 mil policiais militares, civis e bombeiros, além de integrantes do Exército, da Marinha e da Aeronáutica alocados em pontos-chaves da Esplanada dos Ministérios e de todo o Distrito Federal, conforme noticiado pelo jornal O Globo (2018)

A Secretaria de Segurança Pública do DF classificou a operação do dia da posse como o maior esquema de segurança já montado para um evento do tipo em Brasília.

O governo também informou que cerca de 70 profissionais do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU) estiveram de plantão no evento, entre condutores de emergência, técnicos em enfermagem, enfermeiros, médicos e coordenadores de área.

A estrutura de saúde contou com oito postos médicos, quatro ambulâncias básicas, duas ambulâncias avançadas e oito motolâncias.

Também foram montados um posto móvel de regulação e uma unidade de atendimento a múltiplas vítimas. A operação ainda contou com o reforço do transporte aeromédico, resultado de uma parceria entre o Samu e o Corpo de Bombeiros do Distrito Federal, informou o GSI. Em função de aval presidencial um decreto autorizando que a FAB intercepte e abate aeronaves suspeitas que sobrevoarem um raio de até 7 quilômetros da Esplanada foi validado como uma das estratégias da segurança para a posse.

A Segurança é um item aliado ao Cerimonial, há uma interdependência entre ambos, sendo vital que estejam alinhados e cientes de todas as ações e estratégias a serem utilizadas.

Com o aumento da violência, da intolerância, insatisfação e dos conflitos partidários e de ideias, os eventos de caráter público seguem uma ordem natural de ampliar seu raio de atuação e prevenção.

No domingo, 30 de dezembro foi realizado um ensaio geral da posse. Na ocasião, foram feitas simulações dos percursos que o presidente eleito iria fazer no dia da posse, com alternativas para o caso de chuva. Todo cerimonial para maior controle e aferição de seu roteiro deve ter esse tipo de técnica.

Se o dia da posse fosse chuvoso, a chegada de Bolsonaro não seria pela rampa, mas pelo Salão Branco, com acesso pela chamada Chapelaria. A revista às tropas também seria feita em área coberta, próxima à Chapelaria, e a salva de tiros poderia ser cancelada.

Conforme previsões meteorológicas, o primeiro dia do ano de 2019 deveria ser chuvoso em Brasília, com condições de chuva em torno de 40%. De acordo com o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), a previsão de tempo seria encoberto o dia todo e chuva com possíveis trovoadas no horário da posse na Esplanada dos Ministérios.

O Dia da Posse

Em função das tradições herdadas, a cerimônia iniciava-se com uma celebração religiosa e terminava com uma festa. E em 2019, ocorreu a quebra dessa ação, em função das crenças religiosas do presidente eleito. O ponto de partida manteve-se com o início do desfile em carro aberto partindo da Catedral Metropolitana de Brasília. E nesse momento algo não previsto no roteiro ocorreu:

o presidente eleito, juntamente com sua mulher, dirigiu-se até o Padre João Firmino, pároco da Catedral, para cumprimentá-lo. Fato que demonstrou, que mesmo não acatando a permanência do rito religioso, existia respeito e civilidade, percebida nesse gesto.

A prerrogativa exclamada com frequência pelo meio político, é justamente que o Estado é laico, e, portanto, não deve ter predileção por religiões, já que governa para uma população heterogênea em suas crenças. A ruptura, então, dessa ação, pode ser entendida como um elemento sintonizado com a realidade brasileira atual.

Essa situação não pode ter sido encarada como quebra de protocolo, pois não estava legitimada sua ocorrência, assim como a própria cerimônia religiosa, tratando-se de um ato que foi incorporado como uma tradição, sobretudo, em um período de grande abrangência da igreja católica apostólica romana, com elevado índice de fiéis. Na contemporaneidade, pesquisas demonstram não só a queda dessa crença, mas o crescimento de diversas outras linhas religiosas, nos tornando, ainda mais, um povo múltiplo em sua fé.

Vale ressaltar que, quebra de protocolo, só pode ser considerada quando efetivamente há o não cumprimento de determinada conduta regida normativamente. O que não foi constatado em função da explicação acima.

Pode-se considerar que a solenidade em si, foi iniciada quando o Presidente eleito desfilou em carro aberto, escoltado por 110 Dragões da Independência, rumo ao Congresso Nacional. O carro é um Rolls-Royce, presenteado à Getúlio Vargas pelo governo britânico em 1953 e é só utilizado em cerimônias públicas de expressiva relevância, como posses e no feriado de 7 de setembro, Dia da Independência do Brasil.

Vale ressaltar que até esse momento, não se tinha certeza do desfile em carro aberto. Existia a possibilidade de Jair Bolsonaro entrar em um carro blindado, por medida de segurança, mas o presidente preferiu desfilar no tradicional carro de posse.

Um fato inusitado e não apurado em outras posses ocorreu nessa fase da cerimônia: um dos cinco filhos do presidente eleito, acompanhou o casal nesse desfile, colocando-se sentado sob o capô do carro.

O filho em questão, foi o vereador pelo município do Rio de Janeiro, Carlos Bolsonaro, 34 anos, apelidado de Pitbull (raça de cachorro) pela forma extremamente zelosa com que cuida do pai e por isso mesmo, como uma hipótese, tenha se valido dessa participação nada convencional.

Muitos analistas consideraram que o posicionamento do vereador, atrás do pai, tinha como mérito não deixar as costas do presidente eleito um alvo vulnerável para ataques, já que estudos da Agência Brasileira de Informações, pontuou chances de riscos de atentados contra Jair Bolsonaro, em sua posse.

Outros comentaristas analisaram como uma mensagem subliminar de continuidade, de futuro político, o pai já trabalhando a imagem do filho para um exercício presidencial.

Independente das teorias, o fato em si foi alvo de comentários na grande imprensa e na sociedade. Assim como outro momento dessa fase, quando um dos cavalos da tropa dos Dragões da Independência, assustou-se e desviou-se do alinhamento de seus pares, exigindo um hábil controle de seu cavaleiro para mantê-lo calmo e retomar a sua posição.

O uso de animais em eventos – mesmo os treinados e supervisionados- trarão sempre elevados riscos, pois não há garantia de que seu instinto irracional não seja aflorado pelo próprio stress e contato com plateias, o que irá demandar planos de intervenções das equipes de segurança para eventualidades.

Ao chegar no Congresso Nacional, o presidente eleito e sua esposa, se encontraram com o vice-presidente, General Hamilton Mourão e sua esposa, Paula Mourão, e ambos os casais foram recebidos pela encarregada do Cerimonial da casa, Ana Tereza Lyra Meirelles que logo, após as orientações, deixou o espaço para fossem recebidos pelos Presidentes da Câmara e do Senado, Rodrigo Maia e Eunício Oliveira, respectivamente, acompanhados, também de suas esposas. Muitos cerimonialistas conceituados foram críticos na condução da cerimônia, sinalizando que faltou discrição maior em sua participação na solenidade, aparecendo mais que o necessário.

Após as saudações iniciais, os quatro líderes se posicionaram em ordem linear, conforme as orientações da cerimonialista e subiram a rampa em direção ao plenário da Câmara. As respectivas cônjuges caminharam atrás de seus maridos.

No final da passarela, estavam o presidente do Supremo Tribunal Federal, Dias Toffoli, e a Procuradora-Geral da República, Raquel Dodge, além de lideranças do Congresso Nacional, que se juntarão ao cortejo.

No plenário da Câmara, após a execução do Hino Nacional pela Banda dos Fuzileiros Navais, Jair Bolsonaro e Hamilton Mourão fizeram o juramento de compromisso constitucional e assinaram o termo de posse, sob o olhar dos deputados, senadores e convidados. Esse momento representa a prestação do Compromisso Constitucional.

Um dos mais significativos símbolos da cerimônia de posse presidencial é o livro de assinaturas dos presidentes republicanos que é guardado pelo Senado com muito zelo, já que é uma peça rara da história brasileira. São dois volumes contendo as assinaturas de todos os presidentes e vices presidentes desde 1891. Inclusive o termo de posse do presidente eleito pelo Congresso Nacional, Tancredo Neves, em 1985, consta do segundo livro, mas como não existiu a posse em função do falecimento dele, anteriormente a data da solenidade, o texto foi grafado de “Sem Efeito”.

O livro a cada gestão escolhe um calígrafo encarregado de escrever à mão as páginas do termo de posse a ser assinado. O presidente Jair Messias Bolsonaro encerrou as páginas do segundo volume, o que demandará a confecção de um novo livro, para a próxima gestão, a partir 2023, segundo fonte da TV Senado (2018).

Nessa etapa da solenidade foi resgatada uma peça que há muito estava desaparecida das cerimônias, trata-se da tribuna de apoio, tribuna auxiliar ou mini tribuna. É utilizada para ser posicionada na mesa diretora, em frente ao participante que irá usufruir da palavra. Com seu auxílio, a mesa diretora não fica descomposta e não há a necessidade de deslocamentos até a tribuna principal no momento do discurso.

O tempo dispensado no legislativo só não foi tão criterioso, pois o discurso do presidente do Senado, Eunício Oliveira ampliou-se mais que o previsto, fato que também foi muito comentado pelas redes sociais, já que seu tempo de exposição chegou a ser bem maior que o presidente empossado. Muitos justificaram esse feito, tendo em vista que o Senador em questão, não conseguiu reeleger-se e, portanto, estava vivenciando seus últimos atos como tal.

Um detalhe que foi muito pouco percebido, mas que certamente sutilmente foi inserido nesse momento para apresentar alguma mensagem, foi o serviço de café, realizado por um copeiro, que deixava a disposição xícaras com a logomarca não da casa receptiva, mas do Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (SENAC).

Nas semanas que antecederam a posse, a discussão com relação a uma das propostas do novo governo era justamente alterar o percentual de repasse ao sistema S, incluindo o Senac.

Isso demonstra que o Cerimonial pode sim ser utilizado de forma muito sagaz para reforçar mensagens que não diretamente estejam no contexto, mas que no planejamento de sua ação, possam vir a gerar visibilidade e ampliar sua disseminação, de forma proposital, regular e idônea.

Uma gafe foi cometida nessa primeira fase da cerimônia: trata-se da composição da mesa diretora, regida por protocolos rigorosos.

Há uma orientação básica nesse caso, quando o número de componentes de mesa for par, deve dividir o eixo central entre as duas principais autoridades presentes.

Na montagem realizada no plenário não ocorreu essa aplicação, deixando o presidente da mesa como o eixo central da distribuição.

Em um breve recesso, cerca de 15 minutos, as autoridades no salão permaneceram para cumprimentos internos e providências diversas, que atendam as necessidades fisiológicas, como ida a toaletes e hidratação com água. É interessante lembrar que o presidente em função do atentado sofrido alguns meses antes da posse, era, na ocasião, portador de uma bolsa de

colostomia e que periodicamente precisa ser trocada, fato que gerou uma intervenção diferenciada de tempo para tal providência.

Posteriormente, um novo cortejo formou-se e dirigiram-se para a área externa, onde na qualidade de presidente já empossado, Jair Bolsonaro já empossado, desceu a rampa do Palácio do Congresso Nacional e, como comandante-chefe das Forças Armadas, passou em revista as tropas da Marinha, do Exército e da Aeronáutica, sendo ainda homenageado com uma salva de 21 tiros de canhão.

Após esta etapa, o casal retomou seus lugares no Rolls-Royce, e mais uma vez seguido pelo filho em posição de guarda-costas em desfile em carro aberto, partiu do Congresso para o Palácio do Planalto, local onde o Presidente eleito foi recebido pelo presidente que deixava o cargo e juntos subiram a rampa.

Caso a situação fosse de um Presidente reeleito, como já havia ocorrido em outras posses, ele seria recebido pelo Chefe do Cerimonial.

A população pode acompanhar a cerimônia de posse em espaços determinados na Esplanada dos Ministérios. O acesso aos palácios foi restrito, conforme o esquema de segurança já mencionado anteriormente, com revistas individuais e proibições de itens como: bebidas alcoólicas, garrafas, guarda-chuvas, fogos de artifício, apontadores laser, animais, bolsas e mochilas, sprays, máscaras, produtos inflamáveis, armas de fogo, objetos cortantes, drones e carrinhos de bebê.

Ao final da rampa, encontraram os ministros e autoridades militares e de imediato, sem interrupções para pausas e já se dirigiram para o parlatório. Ao chegar no parlatório, como gesto simbólico, o poder foi transferido por meio da faixa presidencial, entre o governante que se despediu do cargo e seu sucessor. Instituída em 21 de dezembro 1910 por um decreto do presidente Hermes da Fonseca – que foi o primeiro a usá-la – a faixa recebeu ajustes e reformas ao longo dos anos, conforme informações do site Último Segundo (2019).

“Para Estevão Martins, professor do Departamento de História da Universidade de Brasília, a faixa presidencial brasileira é um símbolo até “simplório” diante do cargo que representa. “Esse é o único sinal que distingue o presidente da República. Acho uma idiotice se discutir quanto se gasta para reformar ou não a faixa”, diz. “É um símbolo que não tem nome, transmitido de uma pessoa a outra. O rito de transmissão da faixa é fundamental para mostrar que o poder também passa.” (Último Segundo – iG, 2019)

A faixa verde e amarela, de seda, tem 15 centímetros de largura e no alto, o Brasão da República é bordado com fios de ouro; na extremidade, a franja também é confeccionada com correntes de ouro. Presa à roseta, há uma joia com diamantes e uma moeda de ouro que traz o Brasão da República, de um lado, e a frase presidente da República Federativa do Brasil, cunhada do outro.

Após esse rito, o presidente empossado acompanhou a descida de seu antecessor do parlatório e retornou posteriormente, para o então discursar para a população presente, voltado para a Praça dos Três Poderes. Inicialmente as

projeções de público que iriam acompanhar a solenidade de posse do presidente, orbitaram entre 250 e 500 mil pessoas e ao final contabilizaram cerca de 115 mil pessoas, conforme matéria da Veja (Pereira, Castro, 2019).

Diferentemente das últimas quatro posses, o público presente vestiu-se das cores verde e amarelo, simbolicamente representando o perfil do presidente. Percebeu-se claramente a ausência da cor vermelha representativa do partido até então vitorioso das eleições passadas.

O fato de a Primeira-Dama do país discursar após a transmissão de cargo, no Planalto, antes do presidente eleito, foi uma quebra de protocolo, pois a legislação (decreto 70.274/72) não prevê o pronunciamento da Primeira-Dama, uma vez que este não é um cargo eleito pela sociedade. Para os cerimonialistas, este fato pode ser interpretado como uma flexibilidade (novos tempos) em alguns ritos que são praticados em Cerimoniais Públicos ou Privados, sem, no entanto, ignorar por completo o que diz a legislação.

Torna-se novamente, relevante o esclarecimento que há uma diferença, não só conceitual, mas de ordem prática, entre gafe e quebra de protocolo.

A quebra de protocolo ocorre justamente quando há a contradição da lei. Temos de aplicar as normas adaptando as regras às circunstâncias e à personalidade das autoridades que vão estar em determinada cerimônia.

O discurso da primeira-dama, utilizando a língua dos sinais, mostrou-se literalmente inclusivo, dirigindo-se especialmente à comunidade surda; enquanto a esposa do presidente discursava em Libras, uma intérprete traduzia as palavras dela para todos os demais. Tais participações também ocorreram no momento do Hino Nacional e no pronunciamento do presidente Jair Bolsonaro, ambos no parlatório.

O beijo, solicitado pelo público e acatado pelo casal Bolsonaro, no momento do discurso da primeira-dama, também é considerado uma quebra de protocolo, pois esse tipo de gesto não faz parte da sequência da solenidade.

Outra situação de pouca repercussão aos olhos do público, mas presentes aos olhos dos cerimonialistas foi o traje utilizado pela tradutora de Libras (língua brasileira de sinais, no atendimento as pessoas com deficiência auditiva) no momento do discurso do presidente.

A intérprete de Libras – ao lado da primeira-dama - usava um blazer preto que nitidamente percebia-se não ser a sua numeração, mas buscava disfarçar a roupa rosa que está por baixo, já que era a mesma cor da roupa usada por Michelle Bolsonaro. Fato que deixa evidente o plano B da equipe de Cerimonial em não deixar que ambas fossem confundidas como uma só pela cor de seu traje

Recomenda-se que o prestador de serviço - em qualquer situação - deva usar preto para não correr o risco de aparecer em demasia e chamar a atenção dos

presentes, afinal discrição é palavra-chave para os que exercem a função de apoio nos eventos.

Após os discursos, os dois casais, presidente e vice-presidente com suas esposas, retornaram ao interior do Palácio do Planalto, onde foi realizada a solenidade de nomeação dos Ministros de Estado, com direito a pose para a foto oficial.

O fato mais comentado dessa fase foi justamente a assinatura das posses, com uma caneta de uso cotidiano. A equipe de Cerimonial dessa etapa, liderada pelo Ministro Carlos França, forneceu uma caneta de grife, mas o presidente Jair Bolsonaro a recusou e retirou do próprio paletó, uma caneta Compactor Econômica para o ato.

Inicialmente a marca da caneta foi confundida com uma marca estrangeira, BIC, mas também popular, só depois sendo desvendada sua real identidade, pela própria fabricante, que acabou por aproveitar a mídia espontânea para reforçar sua imagem pública

O ato em si demonstrou um apelo populista, com uma mensagem de aproximação com o povo, evocando a simplicidade de todos que ali estavam como convocados para o trabalho público, buscando consolidar uma imagem da gestão em questão. Mais uma mensagem explícita protagonizada em um rito cerimonioso.

Já no início da noite, ocorreu no Palácio do Itamaraty, sede do Ministério das Relações Exteriores, o último ato da cerimônia: uma recepção oferecida pelo presidente e sua esposa, Michele Bolsonaro, às autoridades presentes, recebendo cerca de 2,8 mil pessoas. Entre as autoridades políticas estavam presentes 10 chefes de estado de 10 países e chanceleres de outros 20.

Em posses presidenciais anteriores, este momento festivo continha mais requinte e luxo, o próprio serviço de Alimentos & Bebidas era um banquete seguido por baile de gala.

Posse Presidencial Luiz Inácio Lula da Silva – 01/01/2023

Em 2023, para a posse de Luiz Inácio Lula da Silva, 73 delegações estrangeiras vieram à capital federal, com participação expressiva de líderes da América do Sul. Porém, não se aproximou da posse historicamente mais prestigiada em termos de presenças estrangeiras relativa ao primeiro mandato de Dilma Rousseff, em 2011, com 130 delegações estrangeiras.

A posse do presidente Luiz Inácio Lula da Silva foi a que mais reuniu chefes de estado e de governo, sem representações diretas, segundo o Itamaraty. Foram 21, entre eles o rei da Espanha, os presidentes de Portugal, da Alemanha, Timor Leste, Guiné-Bissau, Angola, Honduras e os primeiros-ministros de Marrocos, Mali e São Vicente e Granadinas.

Assim como na posse de seu antecessor, o presidente da Venezuela e de Cuba não compareceram, alegando motivos de agenda, mas dessa vez, não foram desconvidados pelo cerimonial.

Foi constatado que o evento em espaços públicos reuniu cerca de 160 mil pessoas, inferior aos 300 mil esperados pela organização, mas superior à de seu antecessor, em 2019, cujo público informado pelo governo do Distrito Federal foi de 115 mil participantes.

Tamanha grandiosidade do evento, exigiu precauções e ações preventivas de segurança, que mobilizou todas as dimensões da segurança pública.

A posse de Lula contou com uma mobilização integral das forças policiais do Distrito Federal. Ocorreu, inclusive, uma suspeita de bomba no metrô da estação 108 sul de Brasília, a 5,1 km da Esplanada, mas a polícia descartou a ameaça por volta das 12h de domingo (1º.jan). No dia 24 de dezembro, a PM-DF recolheu artefatos explosivos perto do aeroporto da capital federal. Já em 26 de dezembro, foram encontrados explosivos em uma mata do Gama, região a 30 km do centro do Distrito Federal. Em dezembro, Brasília foi alvo de atos violentos contra o resultado das eleições. O porte e transporte de armas e munição na capital federal foi proibido até dois de janeiro de 2023.

Unidades especializadas da Polícia Militar e da Polícia Civil do DF, como as tropas de choque, cavalaria, operações aéreas, policiamento com cães e operações especiais, também realizaram patrulha no dia da posse. A Polícia Rodoviária Federal (PRF) atuou na segurança das rodovias.

A utilização do desfile no Rolls-Royce foi mantida, porém com inclusão de outros protagonistas: o vice-presidente, Geraldo Alckmin e sua mulher, Lu Alckmin, numa tentativa de demonstrar sintonia, inclusive partidária, já que historicamente existia uma oposição como postura de ambos os políticos e que as coligações realizadas, o que até era inimaginável, ocorreu, a fusão de interesses e a consolidação de uma chapa para concorrer às eleições de 2022.

A tradição da revista às tropas das Forças Armadas foi preservada, assim como ocorreu com seu antecessor.

Lula foi oficialmente empossado no Congresso, em cerimônia diante de parlamentares e do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD, de Minas Gerais), e do presidente da Câmara, Arthur Lira (PP de Alagoas), onde discursou por 31 minutos versando sobre a democracia e clamando por união. Nesta solenidade ficou exposto a divisão do país, em uma votação nas urnas bem apertada e que foi configurada pela tensão entre os eleitores do petista Lula e apoiadores do ex-presidente Jair Bolsonaro. Sem citações de nomes, em seu pronunciamento, o presidente Lula sinalizou a atitude irresponsável de governantes que potencializaram o número de mortes pela pandemia do COVID-19, exaltando que é favorável a processos de investigação judiciais.

Sem citações de nomes, em seu pronunciamento, o presidente Lula sinalizou a atitude irresponsável de governantes que potencializaram o número de mortes

pela pandemia do COVID-19, exaltando que é favorável a processos de investigação judiciais.

Posteriormente a esse momento, ocorreu o que pode ser considerada a mais inovadora e disruptiva sequência no rito de posse, na qual o presidente subiu a rampa do Palácio do Planalto, acompanhado da primeira-dama, Rosângela da Silva, mais conhecida como Janja e de cidadãos comuns, além da cachorrinha do casal, chamada de Resistência, em referência ao período em que Lula passou encarcerado na Polícia Federal de Curitiba (PR).

No alto da rampa, a faixa passou pelas mãos dos 08 representantes do povo, 8 pessoas (um menino, uma costureira, um artesão, um jovem ativista na luta anticapacitista, um professor, um metalúrgico e um indígena) e foi finalmente entregue a Lula por Aline Sousa, uma mulher de 33 anos, catadora de materiais recicláveis, desde os 14 anos.

E nesse caso o uso político da solenidade foi explícito, fomentando a percepção de uma maior representatividade no momento solene em questão, dada a abertura da ausência de seu antecessor nesse ato.

A faixa foi entregue pelas oito pessoas escolhidas, tendo em vista que o ex-presidente Jair Bolsonaro se encontrava nos Estados Unidos, em repúdio a eleição do presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Já com a faixa no peito, o presidente Lula se dirigiu ao parlatório do palácio, para falar à multidão que o aguardava na Praça dos Três Poderes. Em um tom emotivo, inclusive com choro, o presidente encontrou eco de apoio as suas palavras.

Já com a faixa no peito, o presidente Lula se dirigiu ao parlatório do palácio, para falar à multidão que o aguardava na Praça dos Três Poderes. Em um tom emotivo, inclusive com choro, o presidente encontrou eco de apoio as suas palavras.

A próxima etapa do dia de posse de Lula foi no interior do Palácio do Planalto, para receber cumprimentos de líderes estrangeiros. Entre eles, estavam 17 chefes de Estado.

Posteriormente foi realizada a cerimônia de posse de 37 ministros de estados, seguida do registro oficial desse momento.

Outra característica desse evento trabalhando seu viés de algo mais popular foi a realização de um festival cultural, que acabou batizado de Lulapalloza, com referência ao festival norte-americano, Lollapalloza. Esse projeto centralizou o conjunto de festividades que foram organizadas pelo Partido dos Trabalhadores (PT), partido do presidente empossado e pela equipe da campanha. O evento, cujo nome formal foi Festival do Futuro, contou com 61 atrações culturais, entre músicos e outros artistas, que não cobraram cachês para suas apresentações. A arquitetura desse evento contou com dois palcos, batizados de Gal Costa e Elza Soares, cantoras falecidas em 2022, que apoiaram explicitamente a candidatura do empossado.

Essa ação cultural projetou a presença de público, inicialmente em 300 mil pessoas, porém, chegou ao final a um número bem inferior, 20.000 mil pessoas, conforme estimativas da equipe de segurança da organização.

Essa iniciativa deu sequência a estratégia central adotada em posses anteriores de integrantes do PT. A diferença percebida é uma alteração na essência da valorização da pauta cultural, com ênfase, em 2023, em pautas identitárias e não mais a exaltação das raízes da música popular brasileira, outrora, representadas por nomes como Chico Buarque, Gilberto Gil, Maria Bethânia

A conexão com a visibilidade midiática foi explícita com atrações que incluíram Pablo Vittar, Valeska Popozuda, Duda Beats, Zélia Duncan, Chico César, entre outros, que tem um poder de atrair multidões em ligações com suas redes sociais, de forma a gerar um entretenimento cultural com bases pautadas em causas, que conseqüentemente geram muito mais promoção imagética.

Essa associação já indicava que a escolha por fomentar uma agenda cultural com viés ideológico seria a linha diretiva da área, que voltou a ter uma deferência especial, com a envergadura retornando a uma pasta ministerial, e não mais a uma secretaria, outorgada desde o governo do presidente Michel Temer.

Uma feira gastronômica também foi montada no local, com abertura às 11h, funcionando até a madrugada do dia 2 de janeiro, acompanhando a programação de shows que ocorreram nos dois palcos montados no gramado central da Esplanada. A estrutura incluiu uma tenda de 8 mil m² ao centro, com capacidade para 6 mil pessoas, rodeada por 40 stands de alimentação e 15 de bebidas, além de 10 *food trucks*.

A curadoria dos estandes culinários foi feita pela chef Renata Carvalho e a seleção traz pratos típicos da culinária brasileira. “Das Minas Gerais, passando por delícias do Nordeste e Amazônicas até chegar ao bom churrasco sulista, sem esquecer pratos veganos e vegetarianos, tudo será preparado na hora e seguindo as normas sanitárias”, dizia o texto de apresentação do evento, distribuído pela assessoria de imprensa da equipe organizadora.

Toda a viabilização desse evento não contou com recursos dos cofres públicos, pois a organização do PT abriu uma página na internet para arrecadação de recursos que ajudaram na mobilização dessa festa popular cultural, que não está na ordem do dia do cerimonial de posse, mas que vem ganhando status identitário conforme o perfil de quem torna-se presidente.

Considerações Finais

Com o estudo das duas solenidades de posse e suas especificidades foi possível apontar as nuances diferenciadoras que foram lançadas por cada gestão, com o propósito, inicialmente, de já sinalizar o que se poderia esperar da governança que estava começando.

Concentrado em símbolos, unindo arquétipos e até mesmo estereótipos, o cerimonial brasileiro de posse presidencial honra elementos tradicionais, mas

permite-se, também, inclusões referenciais que tragam a carga imagética daquele que está sendo oficialmente outorgado como a mais importante figura do poder executivo, eleito de forma democrática.

Neste momento há a confirmação de sua marca. Ela vai muito além da comunicação de sua origem e ações produtivas. Ela vislumbra diferenciar-se dos demais produtos e serviços existentes no mercado, apresentando sua identidade.

Perez; Barion (2002, p.65) entendem por marca “a distinção final de um produto ou empresa e que traduz de forma marcante e decisiva o valor de uso para o comprado, sendo, então, um sinal distintivo.”

Gracioso (2008, p.21) de forma muita ousada chega a alterar uma sentença, que pode ser considerada popular no meio comunicacional: “a propaganda é a alma do negócio!”. Em sua retificação, o estudioso afirma que “a propaganda ajuda a criar a verdadeira alma do negócio – que é a marca.”.

Personificar uma marca e gerar afinidade com seus diversos *stakeholders* é criar conexões por meios de propósitos e valores.

E os eventos são prodígios nessa criação, articulando sinergicamente o Cerimonial e Protocolo e assim, colaborando para essa realidade, na qual, hoje uma marca detém atributos e carga emocional que serão responsáveis, não só por seu destaque institucional e/ou mercadológico, todavia fomentando relacionamentos e engajamentos.

Sem essa base, um governante terá ainda mais vulnerabilidades para dignificar seu estado político e até mesmo humano.

E o Cerimonial e Protocolo, como tudo, através do tempo, sofreram alterações, evoluindo, ou involuindo, em razão do momento histórico vivenciado.

Isso não minimiza sua relevância, pelo contrário, só explicita, seu caráter empático, atrelado a sua essência humana, na qual todos e tudo tem seu devido espaço. Mas que para existir um verdadeiro círculo vicioso, deve ser regado com rigor e desenvoltura, olhando para o que já foi feito, desenvolvendo o que está sendo entregue e permitindo que o futuro que chegue também traga consigo perspectivas e paradigmas transformadores, otimizando seu uso em um pragmático exercício conciliatório, dirigido ao conagraçamento e as melhores práticas cidadãs.

Uma colaboração preciosa, um componente de imprescindível valor, que por meio da condução profissional fomentada por um planejamento criterioso, regado no respeito protagonista ao papel de cada um e de todos.

Assim, firma-se o Cerimonial e Protocolo na trajetória humana, oxigenando-se e ganhando novas dimensões proficuas na intermediação de relações mais frutíferas e produtivas, que geram a base do bem viver.

Vida eterna ao Cerimonial e Protocolo!

Referências

AMORIM, Pedro. Gestão Estratégica de Processos e Inovação em Cerimonial e Eventos In JUNQUEIRA, Sérgio Arantes (Org.). **Cerimonial e Protocolo**. São Paulo, Brasil: Editora Reflexão Business, Grupo Conecta Eventos, 2023.

ANDRADE, Marielza. **O Cerimonial nas Empresas: facilidades para o dia a dia**. Brasília, Brasil: Edição Particular, 2002

Além de shows, posse de Lula conta com exposição e feira gastronômica
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2022-12/alem-de-shows-posse-de-lula-conta-com-exposicao-e-feira-gastronomica> Acesso 23 Mai 2024

ARBEX Júnior, José. **Showrnlismo: a notícia do espetáculo**. São Paulo, Brasil: Casa Amarela, 2001.

BRASIL. Decreto Federal n. 70274 de 9 de março de 1972. **Normas do Cerimonial Público e a Ordem Geral de Precedência**. Disponível em: <www.planalto.gov.br>. Acesso em: 15 dez. 2018.

BRASIL. LEI Nº 5.700, de 01 de setembro de 1971, estabelece as **Normas para o uso dos Símbolos Nacionais**. Brasília, 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5700.htm>. Acesso em: 28 dez. 2018.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco. Dicionário de política; trad. Carmen C, Varriale et al.; coord. trad. João Ferreira; rev. geral João Ferreira e Luis Guerreiro Pinto Cacais. – Brasília, Brasil: Editora Universidade de Brasília (1998).

CANTON, Antonia Maria. **Eventos: ferramenta de sustentação para as organizações do Terceiro Setor**. São Paulo, Brasil, Roca, 2002).

CESCA, Cleuza Gertrude Gimenes. **Organização de Eventos**. São Paulo, Brasil: Summus, 1997.

Casal presidencial recebe 2,8 mil convidados em coquetel.
<https://pleno.news/brasil/politica-nacional/casal-presidencial-recebe-28-mil-convidados-em-coquetel.html>. Acesso em 04 jan 2019.

Com posse de Bolsonaro, taxa de ocupação de hotéis em Brasília já está em 70% . Revista Época Negócios, São Paulo, 30 dez. 2018. Disponível em https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2018/12/epoca-negocios-com-posse-de-bolsonaro-taxa-de-ocupacao-de-hoteis-em-brasilia-ja-esta-em-70.html?utm_source=facebook&utm_medium=social&utm_campaign=post&fbclid=IwAR0zD_6NAe1oPAmHT-YmNqXjnwEgsgm4YpxTHpDLpl_6fq9ogyrU8Y4D5c. Acesso em: 30 dez. 2018.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro, Brasil: Contraponto, 1997.

FRANCO, Astrogildo Lima. **Protocolo e a Questão da Precedência dos Ministros do TCU**. Brasília, Brasil: Thesaurus, 2012.

Galeria de fotos do Senado Federal, disponível em <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2019/01/01/jair-bolsonaro-toma-posse-no-congresso-e-se-torna-38o-presidente-do-brasil>. Acesso em 07 jan 2019 e 08 jan 2023.

Galeria de Fotos. **Cerimônia de posse de Jair Bolsonaro** disponível em <https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/fotos-cerimonia-de-posse-de-jair-bolsonaro/> Acesso em 08 jan 2019.

Galeria de Fotos. **Cerimônia de posse de Luiz Inácio Lula da Silva** disponível em <https://veja.abril.com.br/galeria-fotos/fotos-cerimonia-de-posse-de-jair-bolsonaro/> Acesso em 08 jan 2023.

GRACIOSO, Francisco (Org.). **As Novas Arenas da Comunicação com o Mercado**. São Paulo, Brasil: Atlas (2008).

LUZ, Olenka Ramalho. **Cerimonial e Protocolo e Etiqueta. Introdução ao Cerimonial do Mercosul: Argentina e Brasil**. São Paulo, Brasil: Saraiva, 2005.

MAXIMO, Wellinton. **Com 100% das urnas apuradas, Bolsonaro obteve 57,7 milhões de votos**. Agência Brasil disponível em <http://agenciabrasil.ebc.com.br/politica/noticia/2018-10/com-100-das-urnas-apuradas-bolsonaro-teve-577-milhoes-de> Acesso em 04 jan 2024.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem**. Tradução de Décio Pignatari. 5° ed. São Paulo, Brasil. Cultrix, 1974.

MEIRELLES, Gilda Fleury. **Tudo sobre Eventos** – São Paulo, Brasil: Editora STS Publicações e Serviços Ltda, 1999.

NAKANE, Andréa. Esteves, Cristiane Costa. **Manual de Cerimonial e Protocolo** – Coleção Conecta Eventos – São Paulo, Brasil: Reflexão Editora, 2023.

NAKANE, Andrea. VIEIRA, Francisco de Canindé Gentil. **Excelência em Comportamento Profissional. Etiqueta Contemporânea: Civilidade que gera Hospitalidade**. 1º edição. Santa Cruz do Rio Pardo, SP, Brasil: Editora Viena, 2016.

PEREZ, Clotilde. **Signos da Marca: expressividade e sensorialidade**. São Paulo, Brasil: Pioneira Thomson Learning, 2004

Posse Bolsonaro: acompanhe a íntegra da cerimônia <https://www.youtube.com/watch?v=cGaJJwJ6is>. Acesso em 27 de Mai 2024.

SILVA, Mariângela Benine Ramos. **Cerimonial e Eventos: Estratégias e Inter-relações** In **Cerimonial por cerimonialistas: uma visão contemporânea do cerimonial brasileiro**. Organização José Afonso Carrijo Andrade. São Paulo, Brasil: Cultura Acadêmica, 2009.

SCHMITTER, P. C. **Reflexões sobre o conceito de política**. In Cadernos da Unb Brasília Ed. UnB. 1965.

SPEERS, Nelson. **Cerimonial para Relações Públicas**. São Paulo: Hexágono Cultural., 1984.

UBILLÚS, Eliane. **Cerimonial. Fatos, Fotos e Sucesso no Município**. São Paulo, Brasil: Cultura Acadêmica Editora, CNCP, 2009.

Veja a íntegra da cerimônia de posse de Lula <https://www.youtube.com/watch?v=u227KM1aKY8> . Acesso em 28 de Mai 2024.

ZANELLA, Luiz Carlos. **Manual de Organização de Eventos – Planejamento e Operacionalização**. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2003.